

## O PILAR DE GRANITO DA NAÇÃO: O ALTIPLANO ANDINO NO DEBATE INDIGENISTA BOLIVIANO ENTRE 1909-1930

Bruno Azambuja Araujo  
bruno.aa85@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo trata da análise das múltiplas narrativas sobre o ambiente do altiplano boliviano feitas por intelectuais indigenistas desse país nas três primeiras décadas do século XX. Através da apreciação das obras de autores que representam as principais correntes políticas desse período, tentamos observar como ocorreu o constructo das ideias sobre um ambiente que se associava a uma identidade nacional. Em outras palavras, buscamos compreender como se desenvolviam as percepções sobre a relação do altiplano andino com o grande contingente de população indígena que ali habitava e de que forma esta associação de ideias contribuiu para se pensar os principais elementos da nação boliviana. Para tal, fizemos uso das contribuições de uma história intelectual e da história ambiental que indicassem as ideias de natureza em debate neste momento na Bolívia.

Palavras chave: Altiplano andino; Indigenismo; Identidade nacional.

**Abstract:** This article deals with the analysis of the multiple narratives about the Bolivian highland environment made by indigenist intellectuals of this country in the first three decades of the 20th century. Through the appreciation of the works of authors who represent the main political currents of this period, we tried to observe how the construct of ideas about an environment that was associated with a national identity occurred. In other words, we sought to understand how the perceptions about the relationship between the Andean highland and the large contingent of the indigenous population that lived there developed and how this association of ideas contributed to think about the main elements of the Bolivian nation. To this end, we made use of contributions from an intellectual history and environmental history to indicate the ideas of nature being debated in Bolivia at this time.

Keywords: Andean Highland; Indigenism; National Identity.

<https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/index>

A virada do século XIX para o XX foi marcada por um intenso debate intelectual nas diversas localidades do continente latino americano. Estas versavam sobre as características fundantes que viriam a compor uma almejada identidade nacional moderna. Nesse intuito, as discussões que giravam entorno do trinômio nação, cultura e natureza entrelaçavam, em diferentes perspectivas, as noções de identidade, território e paisagem<sup>1</sup>. Esta relação entre o ambiente biofísico e as características da nação esteve impregnada de alguns ideais civilizacionais que olhavam ainda para determinados ambientes como espaços vazios e/ou selvagens que deveriam ser integrados e incorporados a um projeto modernizante, este mesmo ainda em curso inicial.

A discussão desses aspectos foi realizada sob diferentes perspectivas nas obras dos chamados “homens de letras” desse período, se tornando uma problemática central para diversos países da América Latina. Como argumenta Luciana Murari no caso brasileiro, *qualificar um espaço como paisagem significava, na fala destes intelectuais, defini-lo a partir do domínio da natureza sobre os signos da civilização, do poder, da técnica ou da modernidade* (MURARI, 2002, p.8). Essa incorporação do território num ideal homogêneo de modernidade baixo o signo da nação, não ocorreria somente no nível econômico e material, mas também no caráter simbólico. Nesse sentido, Javier Sanjinés (2009) atenta para o caso boliviano, argumentando que os textos desse período seriam *ensayos fundacionales*<sup>2</sup>, que se caracterizariam como textos de caráter representacional e imaginativos, ou seja, sem maiores bases empíricas/científicas. Ainda assim, teriam alcançado um status importante, pautando através do imaginário social, ações políticas no ideal de se integrar a nação e seus distintos territórios.

A partir dessa problemática, este artigo tem como objetivo analisar como o debate intelectual boliviano realizou um constructo onde o altiplano aparecia como um ambiente fundacional da nação, seja através de aspectos concebidos como positivos e/ou negativos que incidiriam diretamente sobre as populações que ali habitavam. Estas, em sua maioria, sendo populações de origem *quechua e aymara*, atrelaram a esse debate realizado nas primeiras três décadas do século XX, o aspecto indigenista, que buscava compreender o lugar do indígena no ideal de nação. Para realizar este debate, decidimos fazer um recorte entre três autores que representariam, a grosso modo, as perspectivas

1 Ao invés da noção de paisagem, nos pareceu mais relevante para o trabalho as noções de espaço e território vistos como conceitos abertos, no processo de devir, principalmente no momento analisado e a partir das obras que pensavam essa problemática. Para efeito desses conceitos como bem define Rogério Haesbaert:“(…) e levando em conta a tríplice configuração espacial ou os três “momentos” do espaço propostos por Lefebvre, na sua distinção entre práticas espaciais, representações do espaço e espaços de representação, associados, respectivamente, ao percebido, ao concebido e ao vivido, mas indo um pouco além, poderíamos admitir que o espaço fosse concebido, em alguns casos, também, basicamente como imaterialidade – num certo cruzamento entre o “percebido” das representações do espaço e o “vivido-simbólico” dos espaços de representação, na linguagem lefebvreana. Já no caso do território, além do foco ser colocado sobre uma das dimensões/problemáticas fundamentais do espaço, a sua dimensão política ou que envolve as relações de poder, não poderíamos admitir a sua existência sem o “momento” da materialização através de algum tipo de prática espacial.” (HAESBAERT, 2004, p.105)

2 “Fundacionales” son los ensayos escritos, entre la segunda mitad del siglo XIX y la primera mitad del siglo XX, por intelectuales que tuvieron la capacidad de representar lo público sin ser propiamente historiadores, sociólogos o científicos sociales. Fueron “hombres de letras” que estaban, como dice Edward Said, “en relación simbólica con el tiempo en que les tocó vivir”. (...)Los “ensayos fundacionales” eran elaboraciones metafórico-simbólicas de la realidad, es decir, visiones ideológicas de una determinada época (SANJINÉS, 2009, p.22).

mais destacadas dessa discussão: Franz Tamayo (1879-1956), Alcides Arguedas (1879-1946) e Gustavo Navarro ou Tristán Marof (1898-1979).

Mauricio Gil salienta que de maneira geral, o campo intelectual boliviano desse período, denominado pelo mesmo de liberal (1910-1932), girou entorno das figuras de Franz Tamayo e Alcides Arguedas e teve, no que ele chama de intelectuais de esquerda, uma voz de destaque a partir da figura de Tristán Marof (GIL, 2013, p.43). Por isso, partiremos da análise sobre os principais trabalhos desses autores no período, para refletir como estes construíram um ideal de natureza do altiplano andino que ao mesmo tempo que seria o lugar de nascimento da identidade nacional boliviana, era visto como o lugar do abandono, do deserto, ou do que podemos conceber, uma *wilderness*<sup>3</sup>.

O debate intelectual indigenista boliviano se transformou profundamente nas primeiras décadas do século XX, muito em parte devido às mudanças das conjunturas políticas nacionais que demandaram também um repensar dos aspectos socioeconômicos após o deslocamento do centro de poder de Sucre para La Paz em 1899. Os “homens de letras” bolivianos, por muito tempo, pensavam as comunidades indígenas de origem *quéchua*, que ocupavam destacadamente os grandes vales inter-andinos, com características diferentes das comunidades *aymaras* que são maioria nas regiões mais altas do altiplano. Concepções como docilidade, amabilidade e sociabilidade se diferenciavam de acordo com cada macro etnia ou região. Tal ponto lança luz a uma das questões predominantes nessa discussão: a associação entre raça e meio tão comum na virada do século XIX para o XX, como veremos mais à frente. Nesse caso, o altiplano, com suas planícies frias, clima austero e grande presença de população indígena ocupou um lugar de destaque no debate nacional.

Aliado a isso, a Bolívia se inseria na discussão indigenista continental com o protagonismo de quem possuía um grande contingente de população indígena que se encontrava, nas visões de seus políticos e intelectuais, às margens do projeto nacional. Tal ponto coloca o papel destacado da Bolívia que buscava “reconstruir” sua identidade e ao mesmo tempo se inserir no processo de modernização. Para isso, o papel da educação, notadamente a educação indígena e rural, era um pilar basilar a ser pensado pelos intelectuais e políticos bolivianos para alcançar tais objetivos que incidiam diretamente na ideia de integração de seu território. Ademais, a educação seria um modo de racionalizar esses espaços tido como abandonados e de características biofísicas de difícil ocupação.

## **PARA AONDE SOPRAM OS VENTOS: O ALTIPLANO NA HISTÓRIA E A RECONQUISTA DE UM “DESERTO”**

O altiplano andino corresponde a uma grande eco-região<sup>4</sup> que se estende do sul do atual Peru até o noroeste do que hoje é território boliviano. Está caracterizado como um

3 O conceito de *wilderness* possui uma larga tradição nos estudos históricos americanos, principalmente os estudos de fronteira, a partir do trabalho de Frederick Jackson Turner (1893), e na História Ambiental, que utiliza desde a década de 1970 esse conceito para delimitar um espaço “selvagem”, no sentido de um ambiente ainda pouco ou nada modificado pela atuação do imperativo civilizacional moderno.

4 As ecorregiões são usualmente definidas como áreas relativamente homogêneas que possuem condições ambientais similares

planalto que, em grande parte, está acima dos 3500 metros de altitude em relação ao nível do mar, possuindo também, um longo histórico de relações com diferentes comunidades humanas. A principal eco-zona dessa ocupação humana no altiplano são as áreas circunlacustres, localizadas no entorno do lago Titicaca, que possibilitou formas de interações fundamentais para o desenrolar da vida humana nessa região.

A história de transição para uma agricultura intensiva e o posterior desenvolvimento de sociedades complexas no altiplano remontam ao período de 1500 A.C., que coincidiu com o aumento considerável da umidade no local. Esta alteração climática, além da elevação em vinte metros das águas do lago Titicaca, criou uma condição mais favorável para o crescimento populacional a partir da agricultura. Segundo Rivasplata-Varillas (2018), a partir de 1.100 A.C. já se observaria uma agricultura de irrigação nessas regiões, a partir, principalmente, da construção de *camellones*, um sistema de aproveitamento das águas do lago que inundavam a bacia norte do Titicaca nos períodos de cheia. Logo, progressivamente, se implementam diversas tecnologias que permitem a ocupação em maior escala do altiplano:

Se produce un aumento demográfico y un progresivo control territorial de los distintos espacios geográficos - el lago, los valles, las pampas del altiplano y las áreas de pastizal - donde se van implantando sistemas productivos. Precisamente, la utilización de aquellos ecosistemas de forma adaptativa y complementaria coincide con la génesis de la complejización de la sociedad en el altiplano. (...) Crearon un paisaje agrícola que aún se mantiene y se continúa practicando en la actualidad, las más grandes concentraciones de cochas o lagunas artificiales preexistentes fueron hechas por pobladores de la cultura precolombina Pukara. (RIVASPLATA-VARILLAS, 2018, p.18-19)

A cultura Pukara talvez tenha sido a primeira grande organização social a ocupar o altiplano andino no extremo norte do lago Titicaca por volta de 1500 A.C. Posteriormente, no extremo sul do lago, se desenvolveu outra grande organização, Tihuanaco (+/- 300 D.C.). Tanto uma, como outra, construíram suas cosmogonias na relação direta que tinham com o ambiente do altiplano. Porém, após principalmente o período de declínio de Tihuanaco (por volta do ano 1000 D.C.), as populações que ali viviam, se deslocaram de forma descentralizada, cada vez mais em direção aos vales da cordilheira andina em busca de uma maior diversidade de pisos ecológicos que lhes garantissem uma maior resiliência. Tal fato, segundo Rivasplata-Varillas poderia indicar o por que, de muitas das grandes organizações sociais posteriores como a *Wari* e a *Inca* terem dado as costas para o altiplano (2018, p.15). O que Rivasplata-Varillas chama de abandono do altiplano, foi um processo acompanhando por diferentes formas de manejo desses territórios, desde uma cultura agropecuária do período pré-Inca e Inca, passando por um período

---

(BAILEY, 2005; LOVELAND; MERCHANT, 2004; ZHOU et al., 2003; OMERNIK, 1995), e podem ser definidas em diferentes escalas (BAILEY, 1983). Dinnerstein (1995) acrescenta a definição de ecorregião como um conjunto de comunidades naturais, geograficamente distintas, que compartilham a maioria das suas espécies, dinâmicas e processos ecológicos, além das condições ambientais similares, que são fatores críticos para a manutenção a longo prazo de sua viabilidade. Em: DE CARVALHO XIMENES, Arimatéa; AMARAL, Silvana; VALERIANO, Dalton Morrison. O conceito de ecorregião e os métodos utilizados para o seu mapeamento. *Geografia*, UNESP/Rio Claro, v. 35, n. 1, p. 219-227, 2010.

de predominância de pecuária e mineração no período colonial, até chegar numa eminentemente pecuária no período republicano<sup>5</sup>. Essas diferentes dinâmicas de interação com o ambiente do altiplano definiram o que a autora denomina de uma ação desertificadora antropogênica que teria acelerado um processo de desertificação “natural” do altiplano.

No entanto, ainda que esse processo tenha de fato ocorrido, e os modelos de agricultura locais não tenham sido valorizados pelos espanhóis e nem se tornados predominantes comercialmente, eles permaneceram vivos em escalas menores, como modelos de subsistência para diversas comunidades que permaneceram habitando o altiplano. Logo, a representação do altiplano como um ambiente hostil e inóspito, por muitas vezes, desconsidera seu histórico de interação de diferentes formas organização da vida, colocando-o como ambiente desértico a-histórico, no sentido de falta de civilidade ou de possibilidade de um domínio racional do ser humano sobre seus elementos “naturais”. Tal era a concepção predominante, ainda que não de forma homogênea, na virada do século XIX para o XX.

A partir desse período, como colocado por Domingos Ighina, diversos grupos de pensadores-criadores-políticos esboçavam um “desenho territorial” ou mesmo uma “consciência territorial” como tentativa de apropriação simbólica do espaço por parte estado nação (IGHINA, 2005, p.15). Este processo, como vimos, seria acompanhado por uma naturalização do espaço e da história, construindo uma ideia de terra vazia ou de deserto do qual uma ocupação civilizatória seria quase um chamado inevitável. A questão se complexifica quando, principalmente no início do século XX, o debate que “desculturalizava” o espaço andino, se debruça sobre a busca por uma identidade nacional atrelada a uma história no sentido progressivo, partindo de um passado glorioso ligado a esse mesmo espaço, agora pensado como território. Ao colocar esse ambiente como espaço fundante da nação, o altiplano deixa de ser um lugar *a-histórico* e se insere no tempo histórico ainda que ligado a um ideal de atraso a ser superado. Ou seja, esse ambiente alcunhado de “inóspito” e de um deserto a ser conquistado, é o mesmo que singulariza a nação boliviana como seu próprio ponto de partida, que fornece os elementos essenciais de sua própria identidade. E tal identidade passaria pelas comunidades que habitavam esse altiplano historicamente, as comunidades indígenas *aymaras* e em menor medida nessa região, *quéchuas*.

Para compreender esse processo de transformação, quando pensamos na concepção de nação que estava sendo construída e o lugar para esses povos indígenas que era proposto na mesma, temos que atentar para o que se colocava anteriormente, ainda durante o século XIX e que nos possibilitará analisar talvez um dos mais destacados indigenistas do começo do século XX, Franz Tamayo. Sua figura apresenta um sentido de ruptura naquele momento. Ou seja, o de se diferenciar do pensamento hegemônico sobre os indígenas, mesmo dentro da corrente liberal da qual fazia parte. Ademais, partiremos da

---

<sup>5</sup> Quando tratamos de pecuária na região do altiplano, estamos falando de camelídeos como Llamas, Vicuñas e Alpacas no período pré-colonial e da inserção de ovelhas no período colonial.

obra de Tamayo pelo seu profícuo diálogo com a questão da educação nacional, compreendendo que a proposta dessa pedagogia era também de racionalizar uma natureza, ou mais especificamente, o espaço rural do altiplano.

## A VITALIDADE TELURISTA EM FRANZ TAMAYO

Franz Tamayo nasceu em La Paz no ano de 1879, filho de Felicidad Solares e Isaac Tamayo, um destacado diplomata e político que tinha boa circulação nas esferas estatais durante o século XIX. Após uma formação que envolveu um período de estudos na renomada Sorbonne em Paris, escreve a *Creación de la Pedagogia Nacional*, publicada em 1910. A obra foi composta no formato de uma coletânea de cinquenta e cinco artigos que saíram no periódico *El Diario*, numa frequência de três a quatro vezes na semana entre os dias 03 de julho e 22 de setembro de 1910. Sua publicação em um diário de grande circulação revela a amplitude do debate ainda que este só alcançasse uma pequena parcela da população que era letrada. E de fato, o conjunto de ensaios parece ter conseguido alcançar uma relativa relevância naquele momento.

Nesta obra, dentre outros aspectos, Tamayo parte da inspiração de Nietzsche e o conceito alemão de vitalismo, além de outros autores franceses para pensar “o indígena” como força propulsora da vida nacional. No entanto, seria seu gesto reflexivo sobre um conhecimento *aymara* o que o fazia diferir de outros de seus contemporâneos. A tarefa da educação para Tamayo, seria despertar a raça, uma energia latente e adormecida que precisa ser o foco da educação nacional (TAMAYO, 2014 [1910], p.84). Essa ideia de despertar se aproximaria, portanto, de uma perspectiva de revitalizar a força indígena através da educação. Essa força estaria ligada, para Tamayo, à natureza andina de forma telúrica, ou seja, como se os aspectos de composição natural da cordilheira influenciassem diretamente o caráter dos povos que ali habitavam.

A tradição telurista de se pensar o caráter nacional é muito presente neste momento em diversos países da América Latina. Como salienta Gerardo Oviedo (2005) em seu trabalho sobre José Luís Romero e o caso da formação de uma “consciência territorial” argentina, haveria:

(...) un “telurismo culturalista” en Romero “*tomando la tierra como expresión propia del animismo caracterológico autóctono.*” El joven Romero se inscribiría así en la tradición del pensamiento “telúrico”; nuestra particularidad procedería aquí de “un principio anímico y vital” que atraviesa la geología Latinoamericana y modela a los sujetos de acuerdo con un “*orden integral de existencia, singular e intransferible*”.(OVIDEO, 2005. Apud. ARRIETA, 2005, p.43)

Ou seja, no caso boliviano, Tamayo representaria esta tradição telurista, colocando a força da raça indígena numa relação diretamente proporcional ao esforço feito para vencer o ambiente considerado inclemente do altiplano. *La grandeza de una raza está en proporción directa de las dificultades vencidas en su lucha con el médio y con los elementos ambientales* (TAMAYO, 2014 [1910], p.52). Os indígenas não seriam um espelho do meio onde

vivem, mas fruto dessa interação conflituosa com o mesmo no intuito de superá-lo como condição ou barreira.

La tierra es magra, vasta y solitaria. Son altas y dilatadas llanuras de un clima extremado y rudo para la vida del hombre, de los animales y de las plantas, y que una salvaje grandeza de paisaje unen la más extrema carencia de los primitivos elementos de vida. El aire falta por razón de la grande altura, el fuego falta porque no hay qué quemar, el agua falta por la natural sequedad del cielo y la aridez de la tierra. En ninguna parte se siente menos la dulzura de vivir como en estas mesetas; sin embargo se vive (TAMAYO, 2014 [1910], p.140).

Ao dizer que o instante histórico e o meio ambiente fazem o homem, Tamayo (2014, p. 47) se afasta de uma visão essencialista do indígena. Porém, Tamayo vinculava a ideia de raça à natureza local e a identidade nacional que o mesmo também nomeia de caráter nacional, definindo-o como *la manifestación constante de una ley biológica, (...) que debe ser la base y materia de toda evolución histórica* (TAMAYO, 2014 [1910], p.49).

Para Franz Tamayo, portanto, a cordilheira com destaque para o grande altiplano boliviano teria fornecido aos habitantes locais o que considera suas principais virtudes: a sobriedade, a paciência e o trabalho. Tal apontamento perpassará toda a proposição que Tamayo faz sobre a educação nacional nesse período: *Los dos rasgos fundamentales de nuestro carácter nacional son la persistencia y la resistencia*. (TAMAYO, 2014 [1910], p.145). Ademais, na argumentação de Tamayo, essa discussão permeará o que se deve ensinar, o local onde esse aprendizado deve se desenvolver e o que tem que ser levado em consideração no sentido que o meio biofísico influiria nas concepções de educação que seriam trabalhadas. *Toda cultura es una escultura; y el alma del indio parece hecha del granito de sus montañas. Ésta es su dificultad y su grandeza* (TAMAYO, 2014 [1910], p.117).

Franz Tamayo, portanto, ao ressaltar a força telúrica dos indígenas e criticar a importação de elementos europeus no processo educacional boliviano, define uma identidade nacional ligada à força de uma terra que “americaniza” os elementos de fora:

(...), pues su presencia en el nuevo mundo no significa otra cosa que la lucha de una sangre extranjera con un poderoso medio ambiente que impone a todo trance sus leyes y sus elementos de vida con seguro menoscabo de todo lo que no se le sujeta y adapta directamente. (TAMAYO, 2014 [1910] p134 e 135).

A relação entre meio e raça presente na obra de Tamayo era, como dissemos, um aspecto comum nos diferentes autores desse período. Na Bolívia, Tamayo dialoga de forma crítica com outro destacado intelectual que pensou a nação em seus aspectos fundantes: Alcides Arguedas e sua perspectiva mais pessimista e um pouco mais determinista sobre a relação entre o altiplano, o indígena e a identidade nacional boliviana.

## ALCIDES ARGUEDAS E UM AMBIENTE NACIONAL DOENTE

O escritor indigenista Alcides Arguedas nasceu em La Paz em 16 de julho de 1879 no seio de uma família de *terratenientes* com ascendência espanhola e certa relevância so-

cial. No ano de 1903, um pouco antes de sua formação em advocacia, faz a primeira de muitas viagens a Europa. Seu contato durante toda sua formação anterior com professores positivistas bolivianos como Bautista Saavedra, Rigoberto Paredes e Daniel Sanchez Bustamante, se somaria agora a um mergulho em influências das literaturas espanholas e francesas em voga no momento. Seu ensaio sociológico *Pueblo Enfermo*, publicado em 1909, e o seu marcante romance indigenista *Raza de Bronce*, publicado pela primeira vez em 1919, são suas obras mais destacadas desse período.

O autor Mauricio Gil argumenta que estas duas obras principais de Arguedas sempre foram colocadas como momentos antagônicos de sua trajetória, mas tenta analisar em que pontos essas duas obras poderiam convergir. Para este autor, a concepção de geografia e sua influência sobre o social, bem como a tentativa de se definir uma psicologia indígena seriam os pontos de interseção que talvez mais exemplificassem a obra de Arguedas e definissem sua inserção no debate à sua época (GIL, 2013, p.44).

Mauricio Gil ainda defende que a concepção da geografia e sua influência no aspecto social é basicamente a mesma tanto no ensaio *Pueblo Enfermo* e no romance *Raza de Bronce: la belleza que muestran algunas descripciones de Raza de bronce apenas disimulan las condiciones de una geografía inhóspita, de 'un suelo casi estéril por el perenne frío de las alturas', igual al que se describe en el polémico ensayo de Arguedas.* (GIL, 2013, p.44). É neste ensaio que Arguedas descreve:

El aspecto físico de la llanura, el género de ocupaciones, la monotonía de éstas, há moldeado el espíritu de manera extraña. Nótese en el hombre del altiplano la dureza del carácter, la aridez de sentimientos, la absoluta carencia de afecciones estéticas. El ánimo no tiene fuerzas para nada, sino para fijarse en la persistencia del dolor. Llegase a una concepción siniestramente pesimista de la vida. No existe sino el dolor y la lucha. Todo lo que nace con el hombre es pura ficción. La condición natural del hombre es ser malo y también la de la Naturaleza. Dios es inclemente y vengativo; se complace en enviar toda suerte de calamidades y desgracias. (ARGUEDAS, 2008 [1909], p.38)

A relação entre raça e meio a partir da análise geográfica da região do altiplano aparece, portanto, com bastante destaque na obra *Pueblo Enfermo*. Essa perspectiva preponderava nas correntes liberais ligadas ao chamado darwinismo social<sup>6</sup>, que desmerecia os habitantes de determinada localidade a partir de uma construção racial que os ligava a um certo atraso a partir de premissas que relacionavam esse estado a aspectos negativos atribuídos a esses ambientes biofísicos:

No se comprende la pampa sin el indio. (...) El aspecto físico de la llanura, el género de ocupaciones, la monotonía de éstas, há moldeado el espíritu de manera extraña. Nótese en el hombre del altiplano, la dureza del carácter, la aridez de sentimientos, la absoluta ausencia de afecciones estéticas. (ARGUEDAS, 2008 [1909], p. 37, 38).

6 Uma corrente nascida na Europa do século XIX e muito presente na América Latina do século XX. Se baseava na teoria da evolução de Darwin, aplicada à esfera social e definindo hierarquicamente os aspectos dos debates raciais a partir de uma pretenza relação com o ambiente.

Durante a obra *Pueblo Enfermo*, Alcides Arguedas argumenta que o indígena vive inconsciente de sua condição, levando uma existência quase passiva onde vive para produzir o que come e reproduzir. Até mesmo seu aspecto de força moral que aparece na obra de forma mais discreta do que nos escritos de Franz Tamayo, não impediria a manipulação dos indígenas por outros grupos sociais. A ideia de passividade passaria então pela falta de instrução e mesmo pela falta de vontade dos indígenas em se integrarem: *Moralmente el indio es un gran solitario, un esquivo, un desdenhoso* (ARGUEDAS, 2008 [1909] p.55). Esta característica construída pela luta contra um dito ambiente hostil, desqualifica também o indígena perante a concepção de sociedade que Arguedas tenta estabelecer.

Nesse ponto, podemos estabelecer um paralelo entre esses dois autores bem distintos nesse mesmo período: tanto Tamayo quanto Arguedas, constroem uma representação do indígena ligada às características marcantes do ambiente do altiplano. No entanto, enquanto Tamayo coloca que o estabelecimento histórico dessas comunidades na região do altiplano demonstraria sua força e vitalidade de caráter ao vencer esse ambiente, para Arguedas seria o oposto, essas condições do meio tornaram o indígena e consequentemente, o elemento nacional, doentes, passivos e inoperantes.

Quando Alcides Arguedas coloca que *La pampa y el indio no son sino una sola entidad*” (ARGUEDAS, 2008 [1909], p.37), estabelece que a identidade do território do altiplano que o mesmo chama de pampa é a mesma de seus habitantes. Javier Sanjinés acredita que, de acordo com essa visão de Arguedas, o ser humano daquela região foi representado como havendo perdido toda a sua capacidade para transformar a natureza, sendo completamente dominado por esta (SANJINÉS, 2009, p.24). Sanjinés (2009), a partir do trabalho de Harootunian (2005) e Lefebvre (2000) acredita num processo de “especialización del tiempo” exercido por esses textos *fundacionales* no caso boliviano. Nessa perspectiva, o tempo seria engessado a uma concepção de espaço do altiplano única e imodificável, retirando da perspectiva histórica não somente o ambiente, mas negando qualquer possibilidade de outras temporalidades estarem coexistindo naquele momento. Repercute aqui sua crítica tanto a Arguedas como a Tamayo como reprodutores de um pensamento e hierarquia eurocêntricos que não reconhecem o saber indígena ligado ao altiplano como pertencente a modernidade que os mesmos pleiteavam para aquele momento na Bolívia.

A obra *Raza de Bronce*, apesar de publicada dez anos depois e possuir um outro formato, permanece com uma abordagem que tenciona os aspectos da identidade ligada aos elementos biofísicos do altiplano. Na segunda parte desse romance, designada *El Yermo*, a narrativa se desenrola num ambiente geográfico das cercanias do lago Titicaca. Nessa descrição, o autor salienta a inclemência climatológica, mas também retrata as *faenas* agrárias<sup>7</sup> e os ritos que buscam propiciar abundâncias das colheitas e das pescas. Segue, então, sua concepção que essas características hostis do meio ambiente do altiplano contribuiriam para moldar o modo de ser de seus habitantes. Tal ponto também segue a linha

<sup>7</sup> *Faena* agrícola nos Andes corresponde à reunião coletiva para trabalho agrícola de forma comunal e colaborativa.

dos autores que consideram a obra de Arguedas como *costumbrista*<sup>8</sup>, além de social e política, inaugurando o processo de culturalização do debate racial. No entanto, ao analisar o trabalho indígena nesse ambiente dos saberes locais, o autor caracteriza estes como ações reprodutoras do ambiente, ou seja, sem possibilidade de maiores transformações desse espaço.

Ainda assim, a possibilidade de transformação da sociedade boliviana através de um processo de modernização que racionalizasse a relação entre indígenas e o ambiente do altiplano continuou a ser um objetivo para alguns grupos de intelectuais das primeiras três décadas do século XX. É justamente nesse ponto, que um pensador socialista traz uma nova perspectiva para se pensar o altiplano andino na formação da identidade nacional.

### O ALTIPLANO COMO MONUMENTO DA POSSIBILIDADE SOCIALISTA

O próximo autor que trazemos aqui para pensar em mais um espectro político que se colocou e que contribui dentro do indigenismo boliviano, é Gustavo Adolfo Navarro, mais conhecido pelo pseudônimo de Tristán Marof (1898-1979). Nascido em Sucre, de uma família mais modesta que os outros autores que vimos até aqui, Gustavo Navarro desde cedo se envolve nas discussões políticas de seu país. Em 1920, ingressa como parte do partido republicano e com a ascensão de Bautista Saavedra à presidência em 1921, torna-se cônsul na França, onde adota o pseudônimo de Tristán Marof. Apesar de ser um autor longo e com múltiplas facetas na história boliviana, nos deteremos nas suas destacadas obras publicadas ao longo da década de 1920: *El ingenuo continente americano* (1923) onde se pronuncia a favor do comunismo na região, tomando como antecedente as tradições indígenas Incas, tema que voltaria a tratar na outra obra analisada aqui, *La justicia del Inca*, publicada em 1926.

Cabe salientar que Tristán Marof não propunha uma volta ao passado no ideário de comunismo Incaico. Nesta última obra, um panfleto histórico-revolucionário publicado na Bélgica, defendia uma revolução baseada nos modelos de relações comunais pré-hispânicas sem perder de vista os conhecimentos científicos de sua época. Nesse sentido, o *Ayllu* andino representaria uma organização econômica-social perfeita<sup>9</sup>. Ademais, Marof era ferrenho crítico e opositor das ideias de Alcides Arguedas e veremos em que medida esse contraponto nos ajuda a pensar na construção de um ideal de natureza fundacional do altiplano nesse momento.

Tristán Marof, ao defender um modelo andino incaico de organização do território, exalta a presença da natureza na constituição das nações em todo o continente americano:

En américa todo respira a espacio. Las altas cumbres están cuajadas de nieve y de libertad. Las montañas son homéricas y los ríos tormentosos como el mundo.

<sup>8</sup> *Costumbrista* se refere a um tipo de literatura que tem como interesse uma exposição dos costumes locais de alguma região específica. No caso de Arguedas, se refere aos costumes das populações indígenas do altiplano boliviano.

<sup>9</sup> O *ayllu* é uma forma de organização sócio-espacial andina que existe desde o chamado período pré-incaico.

Todo crece, todo se agranda, todo se ensancha, y el mismo corazón parece que fuera gigantesco. (MAROF, 1923, p.69)

Para o autor, a monumentalidade dessa natureza seria um fator preponderante para se pensar o desenvolvimento de um socialismo nacional. Concebia neste período, que a presença marcante das montanhas e da diversidade da natureza boliviana seria um elemento chave que possibilitaria uma expansão produtiva sob a égide de um sistema comunista próprio ao mundo andino. Essa combinação de forças transformaria a situação nacional a partir, principalmente, da mobilização do trabalho indígena.

A referência de Tristán Marof ao período Inca como um comunismo primitivo que ajudaria a pensar as bases fundamentais dessa reforma a ser feita, aparece nessas obras de forma destacada. Marof argumenta que esse sistema Inca ligado a agricultura e a terra nunca desapareceu por completo:

En el tiempo de los Incas, todas las partes agrícolas de la América del Sur, seguieron el sábio y casto sistema Incaico que la tranquilidad, (...). Los Incas empleaban el oro de sus minas en adornar sus templos, concretandose a vivir de la agricultura, sabiamente organizada, y tan conforme a su manera de ser, que, ni aun ahora, después de tantos siglos de coloniaje, desaparecen los vestígios de su civilización, ni desaparecerán nunca, porque la humanidad, despues de tanta experiéncia, vuelve a la tierra, buscando su regazo piadoso, como la única consolación que puede salvarla de tantos conflictos. (MAROF, 1923, p. 52-53)

A diferença nos escritos do socialista é que este, além de pretender uma reforma social baseada nas concepções indígenas vinculadas ao trabalho e ao modelo científico moderno, também atrela essas concepções a partir de um elogio ao meio ambiente andino na construção moral de seus habitantes. Enquanto Tamayo argumenta que a força moral do indígena surge do enfrentamento às adversidades climáticas presentes nos andes bolivianos, Marof passa boa parte de sua obra elogiando a diversidade climática e as condições naturais que segundo ele, possibilitaria à Bolívia ter “cem milhões de habitantes com tranquilidade” (MAROF, 1923). Além disso, transparece que são essas condições que tornam os saberes desenvolvidos pelos indígenas tão fundamentais na relação de trabalho com a natureza local. *Hay que educar al niño, inculcándole desde su primera edad, tres cosas: a pensar seriamente en la vida, a amar la tierra, y luego, a trabajar* (MAROF, 1923, p.154).

Tristán Marof possuía amplo diálogo como o peruano José Carlos Mariátegui<sup>10</sup>, principalmente na crença da força mobilizadora dos “mitos” andinos em conjunto aos ideais comunistas do período. Podemos pensar que a sua visão sobre o ambiente andino nesse processo passaria por uma exaltação da fertilidade e das possibilidades, onde a representação sobre a natureza boliviana estaria atravessada por uma imagem de exaltação mítica do território para justificar as possibilidades de transformação através das forças indígenas. Ao fazerem esse movimento, tanto Marof como Mariátegui, inverteriam a perspectiva de um indígena a-histórico determinado por ambiente imóvel com caracterís-

<sup>10</sup> Além de contribuições com artigos para a revista Amauta, Marof trocou correspondências com Mariátegui no período de exílio no México entre 1928 e 1930. Ver mais no Archivo Mariátegui em <http://www.mariategui.org>

ticas hostis. Para Javier Sanjinés (2009) esse seria um movimento de valorização cultural das comunidades indígenas, que viria contra uma perspectiva espacial que o mesmo argumenta como engessada nas interpretações de Franz Tamayo e Alcides Arguedas.

O reconhecimento dos povos indígenas como atores históricos passaria, portanto, para Marof, pela sua capacidade de transformar as benesses do ambiente do altiplano em riquezas para o desenvolvimento dessas comunidades locais. Essa relação de trabalho sobre o ambiente era o que poderia dar destaque aos saberes dessas comunidades no cenário nacional. A aparente exaltação dos aspectos biofísicos da Bolívia feitas por Tristán Marof se relacionaria aqui, diretamente, com a elevação das condições em que essas comunidades foram postas até então como representação de uma identidade nacional moderna a ser construída.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A representação do altiplano e sua transformação de um espaço vazio, desértico e hostil para ser uma referência inicial da formação da identidade nacional, se deu, entre outras coisas, através do debate sobre o lugar dos indígenas na comunidade imaginada boliviana. Vimos, que de maneira geral, o altiplano foi representado como um ambiente de difícil habitação e estabelecimento humano pelos intelectuais que buscavam construir essa identidade boliviana neste período. Foi possível notar aqui, que essa representação nas duas primeiras décadas do século XX, possuía um caráter que remetia à construção de espaços antípodos de civilização e barbárie. Diferente de outras nações do continente que construíram essa oposição numa relação entre o litoral civilizado e o sertão interior a ser conquistado, a Bolívia não tinha essa marca de uma colonização a partir da costa e ainda possuía um grande contingente populacional indígena. Nesse caso, o “outro” seria o fundamento da nação, ou seja, esse apartado, isolado, incivilizado, também passa a ser inserido dentro de um processo histórico que versa sobre a construção da sociedade como um passado que era seu pilar inicial. Tal ponto indica uma alteração da perspectiva determinista geográfica do papel desse ambiente e a coloca num jogo onde a culturalização desse debate começa a ter maior relevância.

Foi justamente essa transformação que acompanhamos aqui onde o debate indigenista analisado demarcou a diferença entre os representantes das principais correntes intelectuais do momento. A construção de múltiplas narrativas carregadas de representações sobre o altiplano, se colocaram como: um ambiente a ser superado, conforme indicado no caso das colocações de Franz Tamayo; um ambiente hostil e a-histórico que determinava negativamente o caráter das populações indígenas, conforme construção de Arguedas; e uma exaltação desse ambiente monumental e a possibilidade que este traz para a transformação social, como nos escritos de Tristán Marof. Destes três, somente no caso de Marof, os saberes indígenas ligados à sua relação com o ambiente do altiplano, apareceriam valorizados no tempo presente e na possibilidade de constructo de uma mo-

dernidade situada a partir das características desse ambiente fundamental para se pensar a história da nação boliviana.

## BIBLIOGRAFIA

- ARGUEDAS, Alcides. **Pueblo Enfermo**. La Paz: Librería Editorial G.U.M., 2008 [1909].
- ARRIETA, Juan. Nación, identidad y territorio. Notas de lectura. **Diálogos**, v. 9, n. 3, p. 39-47, 2005.
- GIL, Mauricio. El campo intelectual boliviano en la época liberal. **Temas Sociales**, La Paz, n.33, p.37-56, sept. 2013.
- HAESBAERT, Rogério. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. P.95-120.
- IGHINA, Domingo. Nación, territorio y construcción de identidades: el relato de la nacionalidad argentina de Ricardo Rojas. **Diálogos**, v. 9, n. 3, p. 11-21, 2005.
- IRUROZQUI, Marta. ¿Qué hacer con el indio? Un análisis de las obras de Franz Tamayo y Alcides Arguedas. **Revista de Indias**, v. 52, n. 195–196, p. 559, 1992.
- MAROF, Tristán. **El ingenuo continente americano**. Barcelona: Casa Editorial Maucci, 1923.
- \_\_\_\_\_, Tristán. **La justicia del Inca**. Bruxelas: “La Edición Latino Americana,” Librería Falk Fils, 1926.
- MURARI, Luciana. **Tudo o mais é paisagem**: representações da natureza na cultura brasileira. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.
- RIVASPLATA-VARILLAS, P. E. Perspectiva Histórica de Cambio de Paisajes en el Altiplano Andino del Titicaca. **Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC) revista de la Solcha**, v. 7, n. 1, p. 14-27, 17 set. 2018.
- SANJINÉS Javier. Ensayos fundacionales y espectros de la historia. Em: ORTUSTE, Gonzalo Rojas (coord.), ¿Nación o naciones boliviana(s): una institucionalidad para nosotros mismos?, La Paz, CIDES- UMSA, 2009. p.21-44.
- TAMAYO, Franz. Creación de la pedagogía nacional. Em: **El debate sobre la pedagogía nacional de 1910**. Colección Pedagógica Plurinacional: Serie Clásicos, n.2. La Paz: Ministério de Educación, 2014 (1910).

**Bruno Azambuja Araujo** é graduado em História (UFRJ), mestre em História Cultural (UFSC) e doutorando em História Social (UFRJ). Atua como pesquisador associado ao Laboratório de História e Natureza (LabHeN/UFRJ) onde desenvolve pesquisas relacionadas a história ambiental, história da agricultura e história intelectual.